

A INDISCIPLINA/VIOLÊNCIA NO ÂMBITO DA ESCOLA PÚBLICA, NO MUNICÍPIO DE BOA VISTA/RR, ALÉM DE SUAS DEMONSTRAÇÕES FÍSICAS

Mariete Paz Leão

Professora de Ensino Básico Técnico e Tecnológico – SEED/RR

<http://lattes.cnpq.br/8476941675218848>

E-mail: mplmari@hotmail.com

DOI-Geral: <http://dx.doi.org/10.47538/RA-2023.V2N2>

DOI-Individual: <http://dx.doi.org/10.47538/RA-2023.V2N2-04>

RESUMO: Neste artigo buscou-se trabalhar o fenômeno da indisciplina no ambiente escolar devidamente associada à violência, numa condição correlata de imbricamento. Trata-se de um estudo, cuja fundamentação teórica encontra embasamento em inúmeros autores; especialistas que trabalham a temática aqui enfocada. Durante a realização da pesquisa, buscou-se a identificação de elementos que permitissem a compreensão das implicações institucionais, com o objetivo de perceber o aparelho escolar enquanto um organismo social. A pesquisa foi direcionada aos educadores, alunos e pais de alunos. Essa delimitação perpassa pelo fato de que mesmo defendendo que a escola deva lidar com o indivíduo como um todo, não se defende que a mesma ocupe o lugar integral da família na formação do indivíduo. Contudo, tem-se ciência de que essa determinação sobre limites da ação e papel da família e da escola não estão ainda bem definidos, além disso, mesmo que a família não esteja cumprindo seu papel, a escola deve cumprir o seu. Isto posto, teve-se como objetivo precípua verificar em que níveis vem ocorrendo atos de indisciplina/violência no âmbito da escola pública em Boa Vista/RR. Para tanto, buscou-se subsídios teóricos em uma pesquisa bibliográfica e de campo que permitiu a análise e interpretação dos fatos e fenômenos registrados. A conclusão a que se chegou, respaldado pelas pesquisas, foi que a indisciplina/violência vem ocorrendo nas escolas públicas em Boa Vista-RR.

PALAVRAS-CHAVE: Indisciplina na escola. Violência. Adolescente.

INDISCIPLINE/VIOLENCE IN PUBLIC SCHOOLS, IN THE MUNICIPALITY OF BOA VISTA/RR, IN ADDITION TO ITS PHYSICAL DEMONSTRATIONS

ABSTRACT: In this article we sought to work on the phenomenon of indiscipline in the school environment duly associated with violence, in a correlated condition of imbrication. This is a study, whose theoretical foundation is based on numerous authors; specialists who work on the theme focused here. During the research, we sought to identify elements that would allow the understanding of institutional implications, with the aim of perceiving the school system as a social organism. The research was aimed at educators, students and parents of students. This delimitation runs through the fact that even defending that the school should deal with the individual as a whole, it is not defended that it occupies the integral place of the family in the formation of the individual. However, it is known that this determination on the limits of the action and role of the family and the school are not yet well defined, in addition, even if the family is not

fulfilling its role, the school must fulfill its own. This being said, the primary objective was to verify at what levels acts of indiscipline/violence have been occurring within the public school in Boa Vista/RR. For this purpose, theoretical subsidies were sought in a bibliographic and field research that allowed the analysis and interpretation of the facts and phenomena recorded. The conclusion reached, supported by research, was that indiscipline / violence has been occurring in public schools in Boa Vista-RR.

KEYWORDS: indiscipline in school. Violence. Adolescent.

INTRODUÇÃO

Diversos são os fatores internos e externos à escola que são motivadores da indisciplina/violência. Na escola (fatores internos) a indisciplina/violência ocorre, muitas vezes, por sua organização interna; por seus sistemas de sanções; pela não integração e união entre sua equipe docente e administrativa; pelo estilo de autoridade exercida; entre outros.

Os fatores externos dizem respeito às questões macroestruturais, a saber: desemprego dos pais, a falta de oportunidade no mercado de trabalho, a falta de perspectiva, relações familiares complicadas, ausência de limites, falta de organização familiar, famílias destruídas, dentre outros.

Isto posto, teve-se como objetivo geral: Conhecer em que níveis vêm ocorrendo atos de indisciplina/violência no âmbito da escola pública em Boa Vista/RR. E como objetivos específicos: identificar quais os fatores geradores da indisciplina/violência no ambiente da escola pública em Boa Vista/RR; conhecer as opiniões de educadores, alunos e de seus pais sobre a indisciplina/violência no âmbito da escola; propor medidas para combater e reduzir a indisciplina/violência na escola pública em Boa Vista/RR.

Justifica-se a escolha do tema devido a inúmeros relatos de atos de indisciplinas/violência no ambiente escolar. Existem informações, inclusive veiculadas na mídia, de professores que são agredidos e desrespeitados em sala de aula por alunos bagunceiros, atrevidos e agressivos. Infelizmente atos de indisciplinas/violência estão presentes no âmbito da escola, principalmente em escola localizadas nos bairros periféricos dos grandes centros urbanos.

Em Boa Vista não é diferente, visto que foi comprovado que na escola localizada na periferia da cidade houve maior incidência de atos de indisciplina/violência. Ressalta-

se que esse assunto é de muita utilidade para professores, pais e responsáveis e corpo técnico de qualquer escola, posto que, onde exista aluno considerado indisciplinado, deve existir, inevitavelmente, a necessidade de conhecer a realidade desse indivíduo. É importante identificar os fatores que provavelmente estão motivando à indisciplina/violência e ultimar as medidas necessárias para coibir e solucionar esse problema.

A opção por trabalhar a indisciplina no âmbito da escola encontra respaldo na preocupação que a mesma provoca em nível das instituições de ensino e em seu corpo diretivo, em decorrência dos prejuízos que causa tanto de natureza física quanto patrimonial. No caso das pessoas, via de regra, são vítimas silenciosas que, sem ter a quem recorrer nem como reagir, geralmente, por medo, suportam as achincalhões que lhes são infligidas de modo passivo.

A preocupação com esse contexto bem como com os sujeitos nele envolvidos tanto na condição ativa e/ou passiva justifica a elaboração do texto dissertativo em tela, que se propõe a contribuir com sugestões e propostas para a redução desse sério e grandioso problema.

CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES: EDUCAÇÃO, FAMÍLIA, ALUNO (A), PROFESSOR (A), ESCOLA

É quase consensual nos níveis institucionais e na sociedade civil organizada que a educação (enquanto saber formal) dá-se com base na harmônica interação da tríade: família, escola e comunidade. Inicialmente, mister se faz entender o que é educação e a sua fundamental diferença da escolarização.

Na concepção de Pilleti (2004, p. 16) “educação não se confunde com escolarização, pois a escola não é o único lugar onde a educação acontece. Em todo o lugar existem redes e estruturas sociais de transferência de saber de uma geração para outra”. É sabido que mesmo nos lugares onde não há sequer a sombra de algum modelo de ensino formal e centralizado existe educação.

Para Freire (apud PILLETI, 2004, p. 18):

LEÃO, M, P. A indisciplina/violência no âmbito da escola pública, no município de Boa Vista/RR, além de suas demonstrações físicas. **Revista Eletrônica Amplamente**, Natal/RN, v. 2, n. 2, p. 49-64, abr./jun. 2023. ISSN: 2965-0003.



Não é a educação que forma a sociedade de uma determinada maneira, senão que está tendo-se formado a si mesma de uma certa forma, estabelece que a educação que está de acordo com os valores que guiam essa sociedade. [...] A sociedade que estrutura a educação em função dos interesses de quem tem o poder, encontra na educação um fator fundamental para a preservação desse poder.

Nesse sentido, Paulo Freire (apud PILLETI, 2004) defende que o fracasso na educação, não é do sistema educacional em si, mas o fracasso da sociedade inteira como comunidade educativa. A referência à comunidade implica em tecido social, e este, por seu turno é representado pela família, enquanto célula *mater* da sociedade.

Nesse sentido, para Moreira (2006) a família pode mobilizar recursos no sentido de propulsar o desempenho acadêmico da criança participando de sua vida escolar, ou seja, acompanhando-a nas tarefas escolares, participando de reuniões de pais, bem como de eventos organizados pela escola.

A mesma autora enfatiza que a família pode, igualmente, contribuir para o desencadeamento de uma série de condições adversas que podem vir a prejudicar a criança na escola, por exemplo, falta de incentivos e de acompanhamento na vida escolar, bem como problemas no relacionamento familiar. Esses desajustes, via de regra, resultam em comportamento escolar indevido, tais como atos de violência e/ou indisciplina.

Acredita-se que, muitas vezes, a família encontra-se impossibilitada de disponibilizar recursos à criança por dificuldades financeiras ou por falta de informação. Esta também é cobrada pela política educacional de caráter neoliberal e é lhe atribuído o papel de grande responsável pelo sucesso escolar dos filhos, negando assim a especificidade da função da educação escolar e afetando, inevitavelmente o trabalho docente.

É sabido que o contexto educacional pode impulsionar o desenvolvimento e a aprendizagem, disponibilizando recursos para o enfrentamento de adversidades ou, ao contrário, acentuando as práticas incentivadoras do (a) professor (a) e o compromisso profissional de toda a equipe escolar em estar se mobilizando para atender a criança nas suas necessidades, podem se converter em recursos positivos para o desempenho acadêmico.

LEÃO, M, P. A indisciplina/violência no âmbito da escola pública, no município de Boa Vista/RR, além de suas demonstrações físicas. **Revista Eletrônica Amplamente**, Natal/RN, v. 2, n. 2, p. 49-64, abr./jun. 2023. ISSN: 2965-0003.



A escola pode também estar convertendo várias situações em condições adversas, refletidas em práticas docentes coercitivas e repressoras, assim como distanciamento da equipe escolar com a família. Pilleti (2004, p. 19) afirma que:

O professor que tem entusiasmo, que é otimista que acredita nas possibilidades do aluno, é capaz de exercer uma influência benéfica na classe como um todo e em cada aluno individualmente, pois sua atitude é estimulante e provocadora de comportamentos ajustados. O clima da classe torna-se saudável, a imaginação criadora emerge espontaneamente e atitudes construtivas tornam-se a tônica do comportamento da aula como grupo.

Para ser considerado um bom professor, esse profissional deve possuir as seguintes características citadas por Rummel (apud PILLETI, 2004):

- Os melhores professores estão profissionalmente alerta. Não vivem suas vidas confinados ou isolados do meio social. Tentam fazer da comunidade e particularmente da escola o melhor ambiente para o alunado;
- Estão convencidos do valor de seu trabalho. Seu desejo é exercer cada vez melhor a profissão a que se dedicam;
- São humildes, sentem necessidades de crescimento e desenvolvimentos pessoais, porque compreendem a grande responsabilidade da função que exercem.

É desnecessário afirmar que muito embora o professor não seja o único agente da educação, seu papel é fundamental na educação das futuras gerações. A partir da orientação que esse profissional conduzir em sua prática pedagógica, ele poderá estar contribuindo em prol de mudanças na sociedade ou para mantê-la exatamente da forma como a mesma se encontra.

Nesse sentido, Nidelcoff (apud PILLETI, 2004) assegura que:

- a) Existem mestres para quem tudo está muito bem do jeito que está e para quem os valores e as características da sociedade atual não devem mudar e devem mesmo ser difundidos. Eles atuam conscientemente como autênticos representantes do regime social vigente, assumindo a responsabilidade de incorporar os alunos a tal regime, e de adaptá-los ao sistema de vida e aos valores que a sociedade propõe;
- b) Outros, que são a maioria, definem-se a si mesmos como “professores” e nada mais, “professores – professores”. Afirmam que “a escola é escola e a política é política”;
- c) A terceira opção pode ser definida como o “professor – povo”. Ele não acredita que sua missão seja difundir entre o povo os valores do opressor; ao contrário, acredita que o sentido de seu trabalho é ajudar o povo a se descobrir, a se expressar, a se liberar.

Para Garcia (1999) assim como as expectativas do professor, as expectativas da escola, por exemplo, devem refletir não uma disposição autoritária elaborada por um determinado grupo responsável por processos decisórios na mesma, mas uma orientação de base consensual que reflita a contribuição de toda a comunidade ligada à escola, e não apenas dos profissionais da educação que nela atuam. É assaz importante aludir-se aos aspectos relevantes da práxis pedagógica na atualidade.

Ou seja, modernamente o cerne da teoria pedagógica considera que o importante não é aprender, mas aprender a aprender. Ressalta-se ainda que ausência de bases democráticas no modo como se articulam as relações entre professores e alunos no interior da escola, por exemplo, pode desencadear resistência e contestação por parte dos discentes aos próprios esquemas da escola, o que deve ser considerado uma expressão de indisciplina carrega legitimidade e pertinência difíceis de negar.

FATORES INDUTORES DA INDISCIPLINA NO AMBIENTE ESCOLAR

Para Mary Parker Follett, conforme comentários de Ribeiro (2006) o homem é o centro e o modelador do universo, e em sua natureza todas as instituições estão latentes. É sob este prisma que se deve iniciar todo estudo de caráter social. Assim sendo, nos estudos sociais, mesmo reconhecendo-se a importância do comportamento individual, o comportamento de grupos de pessoas deve prevalecer, porque nenhuma pessoa vive para si própria nem pensa, sente ou julga independentemente.

Neste sentido, Orti (2002, p. 222) assegura que:

Os grupos e turmas, enquanto conjunto estruturado de indivíduos, têm fulcral importância nos processos de socialização e de aprendizagem nos jovens. Influenciam certos comportamentos que os adolescentes demonstram, sendo o resultado de processos de imitação de outros membros do grupo. Em certas manifestações públicas de violência, os jovens procuram obter segurança, respeito e prestígio pela restante comunidade escolar. Numa sociedade onde os grupos familiares estão cada vez mais desagregados, este vazio é preenchido por estes grupos formados a partir de interesses e motivações diversas.

De acordo com essa visão, o primeiro passo a ser traçado é a realização de uma análise no “embrião” do problema, ou seja, na origem da questão, é partir daí que se conhecem os motivos que levam os indivíduos a comportar de forma indisciplinada.

LEÃO, M, P. A indisciplina/violência no âmbito da escola pública, no município de Boa Vista/RR, além de suas demonstrações físicas. **Revista Eletrônica Amplamente**, Natal/RN, v. 2, n. 2, p. 49-64, abr./jun. 2023. ISSN: 2965-0003.



Com base em suas próprias especificidades a indisciplina na escola não é um fenômeno estático que tem mantido as mesmas características ao longo das últimas décadas. “Ao contrário, está ‘evoluindo’ nas escolas. Sob diversos aspectos, a indisciplina escolar, hoje, se diferencia daquela observada em décadas anteriores. As expressões e o caráter da indisciplina, por exemplo, apresentam mudanças” (AQUINO, 1996a, p. 16).

PECULIARIDADES QUE DENOTAM “EVOLUÇÃO” DA INDISCIPLINA NA ATUALIDADE

A indisciplina escolar apresenta, atualmente, expressões diferentes, é mais complexa e “criativa”, e parece aos professores, mais difícil de equacionar e resolver de um modo efetivo. Conforme Aquino (1996b) não se trata apenas de uma ampliação quanto à intensidade de manifestação. Segundo Delors (1999) um dos aspectos mais interessantes reside na alteração da natureza dominante das expressões de indisciplina na escola.

Nesse sentido, firma que:

Os anos 90 estão afirmando, ampliando e refinando o que poderíamos denominar de “bagunça engajada”. Isso ocorre, por exemplo, quando os alunos de uma turma de ensino médio, mesmo formada por grupos divergentes entre si, são capazes de se organizar e estabelecem atitudes indisciplinadas coletivas, que vão desde a prática de um mesmo tipo de tratamento evasivo durante as aulas de determinado professor, passando por estratégias para intimidar uma professora a ponto de forçar que esta abandone a escola, até processos complexos de contestação da orientação pedagógica dos professores e da escola (DELORS, 1999, p. 36).

Preleciona Aquino (1996b) que não se pode afirmar livre de um julgamento moral parcial, que este tipo de expressão seja em si mesmo “errado” e, neste sentido, represente indisciplina. Entende-se que em cada caso é sempre necessário questionar qual o grau de participação da própria escola na geração de indisciplina, e não apenas assumir a posição simplista e autoritária que sugere, sem a devida fundamentação, que o problema sempre reside ou se origina na atitude dos estudantes.

Merece destaque o fato de que a escola ainda está mal aparelhada para lidar com casos isolados, com “alunos indisciplinados”, e está tendo de lidar com expressões coletivizadas de indisciplina. De qualquer modo, tais indisciplinas devem ser vistas no

contexto próprio da primeira década do novo milênio, conforme suas singularidades, as quais requerem encaminhamentos diferenciados.

Os métodos tradicionais, que podem ser caracterizados pela intenção comum de exercer controle comportamental sobre a conduta dos estudantes, embora estejam consagrados ou apenas tacitamente introjetados no cotidiano de muitas escolas, mostram-se inefetivos quando utilizados com alunos que, através do próprio currículo da escola, particularmente no ensino médio, estão aprendendo a pensar criticamente e a contestar (GARCIA, 1999, p. 102-103).

Considerando a legislação federal vigente, deseja-se a formação de aluno crítico, capaz de refletir e intervir sobre a realidade social, e exercer ativamente sua cidadania. Assim, tendo em vista a própria legislação e as diretrizes educacionais vigentes neste País, a escola deve desenvolver competências nos alunos tendo em vista tais finalidades.

É procedente ressaltar que, muitas vezes, o exercício do pensamento crítico na forma de contestação, por exemplo, ao ser exercitado dentro da escola, resulta em situações de conflito quando os professores não gostam ou não estão preparados para lidar com alunos que recorrem a esta forma de expressão, conforme explica Garcia (1999, p. 103):

O fato é que este aluno contestador, membro de uma sociedade que está em processo de superação de uma cultura de repressão, não se conforma com aulas que considera ‘enfadonhas’, ‘desatualizadas’, ‘teóricas’, ou a relações ‘autoritárias’, ‘desumanas’ ou ‘frias’, e manifesta seu descontentamento, o qual precisa ser analisado para além do rótulo de indisciplina, e ser pensado como expressão de uma consciência social em formação.

Contudo, se desejar que tais alunos atinjam o senso de cidadania, será necessário prepará-los para pensar e resolver conflitos, ou ter-se-á uma indisciplina no sentido de inabilidade para elaborar e participar das soluções para as questões sociais que perpassam a escola. É sabido que a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, (LDB), em vigência (Lei 9.394 de 29/12/96), inclui, entre as finalidades do ensino médio, o “desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico”, conforme reza o art. 35, do título V, cap. II, seção IV (BRASIL, 1997, p. 35).

Outro aspecto a se destacar está no desenvolvimento da indisciplina no contexto do binômio casa-escola, que se observa particularmente entre alunos da educação infantil

e das séries iniciais do ensino fundamental. Existe um processo de realimentação, que acaba gerando uma espécie de “curto-circuito”, conforme aludido no excerto seguinte:

De fato, nestes dois ambientes a criança pode aprender indisciplina, bem como receber reforço daquela aprendizagem. Quanto à escola, esta pode, através das diversas relações cultivadas, reafirmar determinadas formas de indisciplina aprendidas em casa, bem como propiciar o espaço onde se aprendam formas de indisciplina que serão, por seu turno, reforçadas em casa. O modo como algumas crianças aprendem a obter atenção e reconhecimento, por exemplo, representa uma situação muitas vezes comum de indisciplina no contínuo casa-escola. Uma possibilidade, aqui, reside em aprender a obter atenção sobre si através de condutas intempestivas. Esta aprendizagem tende a ser mais efetiva à medida que pais e professores dediquem uma atenção diferenciada, mais intensa, a condutas indisciplinadas (WIELKIEWICZ, 1995, apud GARCIA, 1999, p. 3-5).

Assim, se no ambiente doméstico as crianças aprendem a receber atenção e reconhecimento através de condutas socialmente inadequadas, (chantagem emocional) na escola continuam a agir de modo idêntico, como forma de conseguir o que desejam. Contudo, e segundo Garcia (1999) esse comportamento, não satisfaz as suas reais necessidades psicológicas, seja de atenção, reconhecimento, e assim por diante.

ANÁLISE DA INDISCIPLINA NO AMBIENTE ESCOLAR

Para Aquino (1998) no meio educacional, duas parecem ser as tônicas cuja logicidade estrutura o raciocínio daqueles que se dispõem a problematizar os efeitos de violência simbólica ou concreta verificados no cotidiano escolar contemporâneo: uma de cunho nitidamente sociologizante, e outra de matiz mais clínico-psicologizante.

Em ambos os casos, a violência portaria uma raiz essencialmente exógena em relação à prática institucional escolar: de acordo com a perspectiva sociologizante, nas coordenadas políticas, econômicas e culturais ditadas pelos tempos históricos atuais; já na perspectiva clínico-psicologizante, na estruturação psíquica prévia dos personagens envolvidos em determinado evento conflitivo. Vale lembrar que uma combinação de tais perspectivas também pode surgir como alternativa à compreensão de determinada situação escolar de caráter conflitivo, por exemplo, num diagnóstico sociologizante das causas acompanhado de um prognóstico psicologizante em torno de determinados “casos-problema” – o que, inclusive, acaba ocorrendo com certa frequência no dia-a-dia escolar (AQUINO, 1998, p.11).

Em termos especificamente institucionais, a ação escolar seria marcada por uma espécie de “reprodução” difusa de efeitos oriundos de outros contextos institucionais como (a política, a economia, a família, a mídia etc.), que se fariam refletir no interior das relações escolares.

Uma das formas mais perversas de segregação que atinge os alunos, os pobres, diga-se de passagem, e, que pode ser apontado como “justificação” tanto da evasão escolar, da repetência quanto da indisciplina e posterior violência reside no modo como a instituição escola promove a discriminação institucional.

A esse respeito, Ceccon, Oliveira e Oliveira (2001, p. 48) comentam que:

Na verdade, muitos dos problemas apontados acima poderiam ser resolvidos se a escola tivesse uma outra atitude face à pobreza. Até hoje a escola tratou a pobreza como se ela fosse culpa dos pobres, um defeito de nascença que só vem atrapalhar o trabalho da escola. E, de fato atrapalha porque a escola não foi pensada para os pobres. A escola foi pensada para uma criança ideal, uma criança que não trabalha, uma criança que fala “bonito”, uma criança que pode estudar em casa com calma, etc. Em suma, a escola não foi pensada para a maioria, mas sim para os filhos de uma elite que, por definição, são muito poucos.

Decerto que não se está aqui buscando justificar a indisciplina na escola atribuindo-a, exclusivamente, à condição socioeconômica do educando, esse é apenas um dos fatores. Contudo, não se pode elidir a enorme contribuição dessa para o caos institucional em que se encontra a grande maioria das escolas públicas, onde a indisciplina, a violência e a apatia dos professores convivem tacitamente.

A maioria dos professores e das autoridades de ensino não procuram (sic) saber se a escola poderia se organizar de outra maneira, levando em conta a pobreza e trabalhando no sentido de diminuir e compensar seus efeitos. Não se procura adaptar a escola às necessidades dos pobres, o que seria perfeitamente possível, mas, ao contrário, pede-se aos pobres que se adaptem a uma escola que não foi feita para eles, o que é praticamente impossível (CECCON; OLIVEIRA; OLIVEIRA, 2001, p. 49).

De um modo ou de outro, contudo, a escola e seus atores constitutivos, principalmente o professor, parecem tornar-se reféns de sobre determinações que em muito lhes ultrapassam, restando-lhes apenas um misto de resignação, desconforto e, inevitavelmente, desincumbência perante os efeitos da indisciplina e da violência no

cotidiano prático, posto que a gênese do fenômeno e, por extensão, seu manejo teórico-metodológico residiriam fora, ou para além, dos muros escolares.

Corroborando com essa assertiva o precedente comentário de Negrão e Guimarães (2009, p. 47) “o desinteresse apresentado pelos professores é tido como um dos principais fatores causadores da indisciplina e as suas origens seria exteriores ao ambiente escolar, atribuídas a fatores socioeconômicos e a insuficiência das políticas governamentais”.

Destarte, o cenário da escola parece bipartido entre o lado dos alunos versus o lado dos professores, revelando-se um espaço vivido sob tensão onde, na aparente escassez de recursos para minimizar os conflitos, apela-se até para um terceiro, como o Conselho Tutelar.

A INDISCIPLINA NAS ESCOLAS PÚBLICAS DE BOA VISTA/RR

O Estado de Roraima tem uma área de 225.116,1 km² e é um dos mais novos da Federação Brasileira, transformou-se em Estado pela Constituição de 1988. Está localizado no extremo norte do Brasil e tem mais da metade de suas terras no hemisfério norte.

O antigo Território Federal de Roraima foi transformado no atual Estado de Roraima, pelo Art. 14 do Ato das Disposições Transitórias da Constituição Brasileira, promulgada em 1988. O período de 5 de outubro de 1988 a 31 de dezembro de 1990 foi considerado de transição do Território para o Estado. O primeiro governador a tomar posse foi o Brigadeiro Ottomar de Souza Pinto.

Observa-se nas escolas públicas de Boa Vista, na questão da indisciplina, o mesmo cenário aludido por Guimarães (1996b) cujos pressupostos defendem que há três perspectivas de violência institucional no caso da escola:

- a) Aquela advinda dos poderes instituídos ou utilitários que neutraliza as diferenças individuais e objetiva a homogeneização;
- b) A violência anômica, observada nas reações brutais como depredação e agressividade entre alunos; e,
- c) A violência banal, caracterizada pela resistência passiva através de comportamentos de ironias, chacotas, etc.

LEÃO, M. P. A indisciplina/violência no âmbito da escola pública, no município de Boa Vista/RR, além de suas demonstrações físicas. **Revista Eletrônica Amplamente**, Natal/RN, v. 2, n. 2, p. 49-64, abr./jun. 2023. ISSN: 2965-0003.



A escola, enquanto espaço de violência e de indisciplina, é percorrida por um movimento ambíguo: de um lado, pelas ações que visam ao cumprimento das leis e das normas determinadas pelos órgãos centrais, e, de outro, pela dinâmica dos seus grupos internos que estabelecem interações, rupturas e permitem a troca de ideais, palavras e sentimentos numa fusão provisória e conflituosa.

A indisciplina como resposta a uma prática institucional conflituosa é ressaltada sob outro aspecto que, também, aponta para um enfoque institucional, definindo a indisciplina como elemento ambíguo por demonstrar ódio, raiva e, como “forma de interromper o controle homogeneizador da escola” (GUIMARÃES, 1996b, p. 78).

Como revolta contra as normas, a indisciplina traduz-se como forma de desobediência insolente; e, no caso de desconhecimento das normas, traduz-se pela desorganização das relações. Lepre (1999) situa a indisciplina no desrespeito às regras necessárias à boa convivência social.

Ainda segundo Lepre (1999, p. 76) via de regra, professores e professoras, no momento de uma entrevista, por exemplo, costumam negar ter alunos indisciplinados em sua classe e conclui que: “há uma resistência em reconhecer e assumir esta situação por relacionarem o fato de haver indisciplina na classe com incompetência do professor”. Essa situação foi vivenciada não poucas vezes, quando da realização da pesquisa de campo que fundamenta a presente dissertação.

Nas reflexões de Guimarães (1996b, p. 82):

[...] O objetivo de eliminar a violência e a indisciplina, ou de colocá-las para fora do campo escolar, faz com que se perca a compreensão da ambiguidade desses fenômenos que restauram a unicidade grupal e instalam uma tensão permanente. O confronto da escola com essas leis obriga à negociação, à adaptação. Quanto maior a sua capacidade em assumir e controlar a violência, mais a escola dará ao conjunto uma mobilidade que permitirá driblar e agir com tolerância.

Entretanto, entende-se a relação professor-aluno como um dos focos que contribuem para a existência de comportamentos indisciplinados e optamos por investigá-la, seja como um dos pólos, seja como fator mediador. A escola, como espaço institucional responsável pela educação, ao deparar-se com a indisciplina interferindo em

seu objetivo maior – promover a educação – deve manifestar a preocupação em encontrar caminhos que apontem para a solução ou amenização deste problema.

CONCLUSÕES

Percebe-se que a indisciplina no ambiente escolar normalmente é tratada como um problema situacional e, muitas vezes, atribuídas a um grupo de alunos bagunceiros, que vêm para a escola somente para perturbar a ordem instituída. A indisciplina tem sido intensamente vivenciada nas escolas, apresentando-se como uma fonte de estresse nas relações interpessoais, particularmente quando associada às situações de conflito em sala de aula e/ou quando resulta em atos de violência e crueldade. Mas, além de constituir um “problema”, a indisciplina na escola tem algo a dizer sobre o ambiente escolar e sobre a própria necessidade de avanço pedagógico e institucional e também social.

Pensar a indisciplina e/ou violência no ambiente escolar descontextualizado dos macroproblemas estruturais que assolam o País, não passa de mero paliativo. É sabido que problemas como falta de moradia em condições dignas, desemprego, aumento dos trabalhos na informalidade, ausência e/ou ações pírias nas políticas de saúde pública são alguns dos problemas comumente registrados e de difícil solução.

Deslocando a análise para o âmbito da educação têm-se, a partir do discurso oficial que foram registrados importantes progressos nesta área, tais como: aumento significativo da taxa de matrículas nas escolas primárias fazendo com que a grande maioria das crianças inicie sua vida escolar.

Caíram as taxas de analfabetismo, mas, ao lado dos “bons resultados”, problemas históricos eclipsam o brilho desse aparente sucesso, trata-se da evasão e da repetência, a maioria das crianças que ingressa na escola primária não termina o Ensino Médio, fica pelo caminho, engrossando o rol das estatísticas da repetência e/ou da evasão.

Estabelecem-se o liame entre a indisciplina, a violência e esse panorama nefasto à vida humana com dignidade. Como exigir e esperar respeito, conduta ilibada aqueles que convivem diariamente com o desrespeito aos seus direitos e ao daqueles que o cercam? É claro que não se está pretendo criminalizar, mais uma vez, a miséria, contudo, é consensual que as escolas localizadas em bairros periféricos, favelas e congêneres são

LEÃO, M, P. A indisciplina/violência no âmbito da escola pública, no município de Boa Vista/RR, além de suas demonstrações físicas. **Revista Eletrônica Amplamente**, Natal/RN, v. 2, n. 2, p. 49-64, abr./jun. 2023. ISSN: 2965-0003.



aquelas que mais apresentam casos de violência e indisciplina tanto intra como extramuros.

Cabe esclarecer que não se está afirmando que a pobreza extrema, o tradicional desrespeito à pessoa e a permanente negação aos bens de cidadania, que essa parcela da população enfrenta neste País, seja o único responsável pelos atos de indisciplina e violência registrados nas escolas públicas brasileiras. No entanto, não se pode negar o substancial peso representativo que esse cenário provoca no brasileiro, mormente no adolescente. Pensa-se que a escola enquanto instituição social para esses jovens se transforma em objeto de revolta e se torne “válvula de escape” para iras e perversões.

Destaca-se que os alunos foram unânimes em condenar a indisciplina e a violência, principalmente no âmbito da escola. Eles as consideraram coisas negativas e que devem ser banidas da escola e dos demais contextos. Com o objetivo de reduzir e/ou coibir atos de delinquência juvenil, tais como: indisciplina, violência, valores desvirtuados, deve-se trabalhar com o cotidiano local.

Nesse sentido, sugerem-se as seguintes propostas, em nível institucional: construir parcerias com alunos e a comunidade circunvizinha, abrir as escolas para que os alunos saiam e a comunidade do entorno entre. Entende-se que trabalhar com a cidadania cultural, ultrapassa os limites, normalmente, postos às instituições do ensino formal. Atentar para que as atividades voltadas ao lazer e capacitação profissional sejam efetivadas em horário oposto ao da aula regular.

Nessa perspectiva, entende-se que se a escola estiver, de fato, comprometida com a sólida formação de seus discentes terá condições, inclusive de reverter a situação do analfabetismo funcional que se observa hoje em dia, principalmente, nas instituições públicas de ensino no País.

Acredita-se que, se a escola criar condições para que seu princípio norteador seja de comprometimento com a possibilidade de desenvolvimento da autonomia, da responsabilidade social, da solidariedade e do respeito ao bem comum, há de buscar algumas metas, como a melhoria contínua da qualidade de ensino, a discussão dos valores embutidos no princípio e nos objetivos da proposta pedagógica, a constante capacitação do seu corpo diretivo e docente, a constante reflexão do trabalho pedagógico deve

LEÃO, M, P. A indisciplina/violência no âmbito da escola pública, no município de Boa Vista/RR, além de suas demonstrações físicas. **Revista Eletrônica Amplamente**, Natal/RN, v. 2, n. 2, p. 49-64, abr./jun. 2023. ISSN: 2965-0003.



possibilitar o levantamento e avaliação das necessidades de redirecionamento das ações pedagógicas e da integração entre a escola e a comunidade.

Em sua política para formação, os professores devem ser capazes de identificar com clareza suas próprias responsabilidades e seu campo de ação, no que tange à prevenção e as medidas para lidar com atos de indisciplina e ou violência escolar, na perspectiva da colaboração com os serviços oferecidos pela comunidade. Para atingir essa meta, será necessário incentivar os pais a partilhar decisões com a escola na busca de respostas para um ensino de melhor qualidade.

É necessário e imprescindível que a escola forneça as condições importantes para formação integral do indivíduo. Assim, é fundamental que crianças e adolescentes possam se apropriar dos conhecimentos produzidos socialmente a fim de que consigam adquirir o necessário desenvolvimento do pensamento crítico – aquele capaz de expressar juízos avaliativos – condição inerente ao conceito de autonomia e cidadania.

REFERÊNCIAS

- AQUINO, J. (Org.). **Indisciplina na Escola: alternativas teóricas e práticas**. 2. ed. São Paulo: Summus, 1996a.
- AQUINO, J. (Org.). **A Desordem na Relação Professor-Aluno**. In: AQUINO, Júlio (Org.). **Indisciplina na Escola: alternativas teóricas e práticas**. 2. ed. São Paulo: Summus, 1996b.
- AQUINO, J. (Org.). **A Violência Escolar e a Crise da Autoridade Docente**. Cadernos CEDES, Dez/1998, v.19, ano. 19, n. 47.
- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (1996)**. LDB: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: Lei nº. 9.394, de 1996. Brasília: Subsecretaria de Edições Técnicas, 1997. 48 p.
- CECCON, C.; OLIVEIRA, M. D.; OLIVEIRA, R. D. **A Vida na Escola e a Escola da Vida**. 35. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.
- DELORS, J.; et al. **Educação: um tesouro a descobrir**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1999.
- GARCIA, J. **Indisciplina na Escola: uma reflexão sobre a dimensão preventiva**. Revista Paranaense de Desenvolvimento, Curitiba, PR, n. 95, p. 101-108, jan./dez. 1999.
- GUIMARÃES, Á. M. **Indisciplina e Violência**. In: AQUINO, Júlio (Org.). **Indisciplina na Escola: alternativas teóricas e práticas**. 2. ed. São Paulo: Summus, 1996b.

LEPRE, R. M. **Desenvolvimento Moral e Indisciplina na Escola.** Revista Nuances, v.5, p.64-68, São Paulo: 1999.

MOREIRA, G. M. **Recursos e Condições Adversas na História Progressiva de Escolarização de Crianças de 4ª Série do Ensino Fundamental.** (Dissertação de mestrado). Faculdade Ciências e Letras de Araraquara, Universidade Estadual Paulista, USP, Araraquara, SP: 2006.

NEGRÃO, A. V. G.; GUIMARÃES, J. L. **A Indisciplina e a Violência Escolar.** Faculdade de Ciências e Letras, FCL. Universidade Estadual Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", UNESP. Assis, SP: 2009.

ORTI, A. P. **Violência e Indisciplina no Cotidiano da Escola Pública: jovens espectadores, vitimizados e agentes de agressões.** (Dissertação de mestrado). Faculdade de Ciências Sociais. Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, SP: 2002.

PILLETI, C. **Didática Geral.** 23. ed. São Paulo: Ática, 2004.

RIBEIRO, G. C. O. D. **Indisciplina e Violência Escolar Versus Vida Social.** Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP. Campinas, SP: 2006.

Data de submissão: 06/04/2023. Data de aceite: 08/04/2023. Data de publicação: 10/04/2023